



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
PRÓ-REITORIA DE ENSINO MÉDIO, TÉCNICO
E EDUCAÇÃO A DISTANCIA.
CURSO DE PEDAGOGIA- PARFOR/CAPES/UEPB.**

DANUSA GONÇALVES DE MELO

**A LEITURA DA PALAVRA DE JOVENS E ADULTOS DA EJA NA E.E.E.F.
MACHADO DE ASSIS NO MUNICÍPIO DE SANTA RITA- PB.**

JOÃO PESSOA-PB

2015

DANUSA GONÇALVES DE MELO

**A LEITURA DA PALAVRA DE JOVENS E ADULTOS DA EJA NA E.E.E.F.
MACHADO DE ASSIS NO MUNICÍPIO DE SANTA RITA- PB.**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à
Universidade Estadual da Paraíba, como
requisito parcial para obtenção do título de
Licenciatura Plena em Pedagogia.

Orientador: Prof. Me. Wallene de Oliveira Cavalcante

JOÃO PESSOA- PB

2015

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano da dissertação.

M523| Melo, Danusa Gonçalves de
A leitura da palavra de jovens e adultos da EJA na E.E.E.F.
Machado de Assis o Município de Santa Rita- PB. [manuscrito] /
Danusa Gonçalves de Melo. - 2015.
38 p. : il.

Digitado.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em PRIMEIRA
LICENCIATURA EM PEDAGOGIA DO PARFOR EAD) -
Universidade Estadual da Paraíba, Pró-Reitoria de Ensino Médio,
Técnico e Educação à Distância, 2015.

"Orientação: Prof. Ms. Wallene de Oliveira Cavalcante,
PROEAD".

1. Leitura. 2. Jovens e Adultos. 3. EJA. I. Título.

21. ed. CDD 372.4

DANUSA GONÇALVES DE MELO

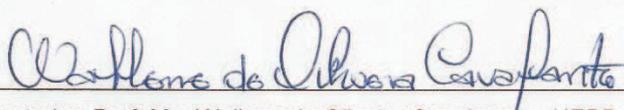
A LEITURA DA PALAVRA DE JOVENS E ADULTOS DA EJA NA EEEF MACHADO
DE ASSIS NO MUNICÍPIO DE SANTA RITA - PB

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado à Universidade
Estadual da Paraíba - PARFOR
como requisito para obtenção do
título de Licenciatura Plena em
Pedagogia.

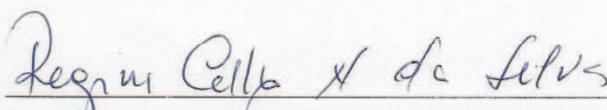
Data de Apresentação. 01/08/2015.

Nota: _____

BANCA EXAMINADORA



Orientador: Prof. Me. Wallene de Oliveira Cavalcante - UEPB



Profa. Ma. Regina Cely Nogueira da Silva - UEPB



Profa. Dra. Eliete Correia dos Santos - UEPB

Dedico esta vitória, primeiramente a Deus, porque sem ele eu não teria chegado aqui, e meus familiares em especial a meu esposo e minha filha.

Só na verdade, quem pensa certo, mesmo que
as vezes, pense errado, é quem pode ensinar a
pensar certo.

Paulo Freire

AGRADECIMENTOS

Gostaria de agradecer a todos os professores que, nestes três anos e meio, passaram pela minha formação deixando sua contribuição. Não posso deixar de falar do meu orientador Wallene de Oliveira Cavalcante, quero agradecê-lo pela paciência, compreensão e ajuda incondicional para a conclusão dessa etapa tão importante da minha vida. E em especial a meu esposo e minha filha que estiveram a todo momento ao meu lado me incentivando.

RESUMO

O presente trabalho tem como enfoque investigar o processo da leitura nas turmas de alfabetização da Educação de Jovens e Adultos, a partir da pesquisa realizada junto aos discentes do Fundamental I na Escola Estadual de Ensino Fundamental Machado de Assis na cidade de Santa Rita-PB. No decorrer desta pesquisa, fiz um breve comentário sobre a retrospectiva histórica da EJA, a importância da leitura, sobre os sujeitos da EJA e o papel do professor, a metodologia usada foi a observação e aplicação de questionários. A modalidade de ensino da EJA requer uma metodologia que atenda as necessidades de jovens e adultos que reingressam no contexto escolar e que possuem vivências que precisam ser valorizadas pelos educadores, para posteriormente apresentar ao aluno da EJA a importância da leitura enquanto um fator preponderante para formação do cidadão crítico, capaz de interferir e transformar o meio social no qual está inserido.

Palavras-chave: Leitura. Jovens. Adultos. EJA.

ABSTRACT

This work is focused investigate the reading process in the Youth and Adult Education, literacy classes, from the research carried out with the Fundamental I students at the State School of Basic Education Machado de Assis in Santa Rita-PB. During this research, made a brief comment on the historical background of adult education, the importance of reading on the subject of adult education and the role of the teacher, the methodology used was the observation and questionnaires. The mode itself teaching adult education requires a methodology that meets the needs of youth and adults returning in school context and have experiences that need to be valued by educators, to later present to the student the EJA the importance of reading as a major factor in training Citizen critic, able to intervene and transform the social environment in which it is inserted.

Keywords: Reading. Youth. Adults. EJA.

LISTAS DE SIGLAS

EJA: Educação de Jovens e adultos

SENAI: Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial

UNESCO: Organização das Nações Unidas para Educação

CONFITEA: Conferência Internacional de Educação de Adultos

CNAED: Comissão Nacional de Alfabetização

MOBRAL: Movimento Brasileiro de Alfabetização

MST: Movimento dos Trabalhadores Sem Terra

CUT: Central Única dos Trabalhadores

ONU: Organização das Nações Unidas

FUNDEB: Fundo de Desenvolvimento e Manutenção da Educação e Valorização do Magistério

LDB: Lei de Diretrizes e Bases

FHC: Fernando Henrique Cardoso

MEC: Ministério da Educação e Cultura

SEEC: Secretaria Estadual de Educação e Cultura

CEB: Conselho de Educação Básica

CNE: Conselho Nacional de Educação

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	11
2	CONHECENDO E CONTEXTUALIZANDO A EJA.....	13
2.1	UMA BREVE RETROSPECTIVA HISTÓRICA.....	15
2.2	OS SUJEITOS DA EJA.....	20
2.3	O PAPEL DO PROFESSOR DA EJA.....	21
2.4	METODOLOGIA DE PESQUISA.....	23
2.5	DADOS SOBRE A ESCOLA.....	24
3	COMPREENDENDO A IMPORTÂNCIA DA LEITURA PARA JOVENS E ADULTOS DA EJA.....	25
4	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	29
	REFERÊNCIAS.....	31
	ANEXOS	33

1 INTRODUÇÃO

Este trabalho tem como objetivo estudar as dificuldades de leitura nas salas de aula da Educação de Jovens e Adultos (EJA). O interesse por este tema surgiu a partir da constatação, durante o período em que tive a oportunidade de coordenar turmas de EJA nas escolas municipais após o interesse surgir passei a frequentar a Escola Estadual de Ensino Fundamenta Machado de Assis em Santa Rita-PB, por ser uma referência em Educação de Jovens e Adultos abrigando turmas de Brasil Alfabetizado, PEJA- Programa de Educação de Jovens e Adultos e primeiro seguimento da EJA, bem como, é originário do resultado das observações acerca das formas mecânicas como a leitura é utilizadas pelos professores nas salas de aula de jovens e adultos, fato que não motiva, nem instiga os alunos a avançarem na prática de leitura e de discussão de textos, uma vez que na maioria das vezes, são textos que nada, ou quase nada, representam para este publico de jovens e adultos. Portanto, sem nenhum significado para as suas vidas, considerando as observações realizadas diante dos índices de baixa frequência e das altas taxas de reprovação e evasão escolar nesta modalidade de ensino.

Diante dos fatos elencados, torna-se válido salientar que o presente estudo parte da problemática que norteia a prática de ensino e aprendizagem da leitura nas salas de EJA, diante das experiências, das dificuldades e das inquietações do público em questão, e se realizou na Escola Municipal de Ensino Fundamental Estevão José Carneiro da Cunha, que se configurou enquanto campo de pesquisa do presente estudo.

Os Questionamentos e investigações realizados durante o desenvolvimento no trabalho com jovens e adultos, foram efetivados no intuito de descobrir até que ponto os alunos efetuem leituras críticas e de que forma tais leituras contribuem para formação, de cidadãos reflexivos. Dessa forma, o presente trabalho apresenta como seu objetivo geral a promoção da aquisição da leitura de forma crítica e reflexiva, indicando os caminhos a se seguir rumo à efetivação do princípio da equidade tão imprescindível à educação de jovens e adultos.

Assim, no desenvolvimento do trabalho com EJA, entendi que as vivências de cada sujeito interferem significativamente, na ótica de cada um deles no que diz respeito as leituras

efetuadas. Ou seja, o que é lido, transmite o olhar previamente permeado de experiências vividas de cada leitor. Para Freire, “A leitura da Palavra é precedida do mundo. E aprender a ler, a escrever a alfabetizar-se é, antes de qualquer coisa, aprender a ler o mundo” (FREIRE. 1985.p18).

Entretanto, para o desenvolvimento da aprendizagem da leitura, a presença do mundo explícita ou implicitamente é imprescindível, porque à medida que o leitor utiliza-se da leitura através de textos escritos ou não, ele não só adquire informações, como também consegue associa-las ao mundo em seus contextos sociais e políticos. Percebe-se ainda que para adquirir uma habilidade melhor de leitura, além desses critérios, precisava haver também sedução para o que ler.

Acredito que seja quase indiscutível que aprendemos a ler a partir do nosso contexto, ou seja, das experiências que acumulamos ao longo do tempo e que trazemos para o universo escolar e somente quando valorizamos esse contexto podemos ir além.

O aluno de hoje está exposto a uma grande quantidade de material escrito, mas é preciso ler além do que está exposto, já que se trata de cidadãos pertencentes a uma sociedade letrada e que já apresentam o aspecto referente ao letramento amadurecido, cabendo à escola contribuir para que o aluno seja capaz de entender o mundo letrado e transitar por todos esses caminhos.

É muito gratificante para um aluno da EJA poder aprender a ler e escrever consciente da necessidade e importância de tal ato para a sua vida, um mundo novo surge para ele é como se enxergasse e de repente abrisse os olhos e visse coisas que até então não via. Alfabetizar tais pessoas é proporcionar para elas grandes mudanças, uma nova visão de mundo, a chance de ter uma vida melhor pelo menos com mais oportunidades.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA: CONHECENDO E CONTEXTUALIZANDO A EJA

A trajetória da Educação de Jovens e Adultos no Brasil, com finalidade de compreender como ocorre o processo de desenvolvimento desta modalidade de ensino e quais os aspectos socioculturais influenciaram em sua formação.

De acordo com GADOTTI:

Ao longo das últimas décadas no Brasil assumiu formalmente, uma série de compromissos internacionais, relativamente à universalização da alfabetização e da educação básica, como Conferências, reuniões, fórum, em que foram apresentados índices nada confortáveis de analfabetismo e, conseqüentemente de pessoas com baixa escolaridade, em que os mesmos apontaram a necessidade de novos esforços para a universalização e da educação básica (2012, p.1).

Diante desse quadro da educação brasileira, apresentado nessas Conferências e Fóruns, em janeiro de 2003, duas decisões importantes foram tomadas: a Educação de Jovens e Adultos passa a ser uma modalidade da Educação Básica e, em particular, a alfabetização de jovens e adultos, como prioridade. GADOTTI (2012, p.3) afirma que é preciso acreditar na Educação de Jovens e Adultos, a EJA, vem sendo vitimada por muitos que não acreditam na mesma, chegando a dizer que o problema do analfabetismo só será resolvido com a “morte desses adultos analfabetos”.

Sabemos que a educação pública é dever do Estado e que a sociedade civil pode dar a sua contribuição para ajudar na erradicação do analfabetismo no Brasil, mas cabe primeiramente ao Estado fazer a sua parte.

Isto implica uma preparação estrutural que seja adequada a EJA e um Projeto Político Pedagógico que inclua a EJA, e que tenha uma concepção correta da EJA, como uma modalidade de educação básica, para assim facilitar o acesso e a permanência do adulto. A escola precisa de uma reorientação curricular bem sucedida, pautada em referências e estratégias, porém que sejam assumidos coletivamente pela escola, para que tenham, de fato, um significado.

Os números que registram o analfabetismo no Brasil indicam que ele já diminuiu significativamente, pois foram criados diversos programas para combatê-lo. No entanto, permanece o alto índice de analfabetos, não só no Brasil, como também em outros países da América latina e da África.

No Brasil, em pleno século XXI, existe cerca de 30 milhões de analfabetos, segundo GADOTTI

O analfabetismo representa negação de um direito fundamental, decorrente de um conjunto de problemas sociais: falta de moradia, alimentação, transporte, escola, emprego... Isso significa que, quando as políticas sociais vão bem, quando há emprego, escola, moradia, transporte, saúde, alimentação... não há analfabetismo. Quando isso vai bem a educação vai bem. Isso significa que o problema do analfabetismo não será totalmente resolvido só através de educação.(2012,p.2)

Atualmente, existe um grande número de analfabetos, porém ficou claro que não é através só da educação que o problema do analfabetismo vai ser resolvido, é todo um conjunto necessário para que se possa chegar a uma solução, pois é preciso que haja políticas públicas voltadas para esse público tão desfavorecido, tanto socialmente como intelectualmente.

Outro ponto a analisar sobre as perspectivas da educação de jovens e adultos no Brasil é o da Concepção de EJA. Pois, desde anos 50 até os dias atuais, os materiais didáticos são utilizados de forma infantilizada, não respeitando, assim, as experiências de vida dos alunos. Deste modo, afirma GADOTTI (2003, p.21) “utilizar uma metodologia que resgate a importância da sua biografia”. Muitos professores não utilizam essa didática por não terem formação adequada ou até mesmo por não conhecerem com profundidade as dificuldades dos seus próprios alunos.

2.1 Uma Breve Retrospectiva Histórica

O caminho percorrido pela Educação de Adultos e, logo depois, Educação de Jovens e Adultos ocorreu no Brasil, em meio às contradições sociais no contexto social, político e econômico e que perduram ao longo da sua história. Diante de uma estrutura educacional que exclui e em que poucos têm acesso aos bens culturais e materiais, pois são poucos os privilegiados a serem contemplados com tais bens, surgiu a prática da educação de adultos no seio da sociedade brasileira.

A educação de adultos no Brasil colônia através da catequização dos povos indígenas, também faz parte do processo histórico de escolarização de adultos no Brasil.

Os primeiros documentos, em que registram o ensino noturno, para adultos, nomeados de Instrução Popular, datam por volta do ano de 1879, no Brasil Imperial.

Com a aprovação da Lei Saraiva, no ano de 1822, ficou proibido o voto do analfabeto, ocasião em que a escolarização passa a ser associada à ascensão social e, ao indivíduo analfabeto, passa a ser conferido o “título” sinônimo de incapacidade.

De acordo com o censo de 1890, 85,21 % da população brasileira era composta por iletrados, realidade que colaborou para que a partir de 1910, fosse proposto pelo governo um olhar especial para o conjunto das questões do analfabetismo, priorizado pela expansão da rede escolar, dado que “erradicar o analfabetismo” estendeu-se a um caráter político, caráter esse que exercia influência diretamente quanto ao aumento do contingente eleitoral. Nesta atmosfera, elevam-se dois movimentos da elite brasileira: o entusiasmo e a ampliação da educação.

Com esses movimentos, se impôs ao analfabetismo a responsabilidade por todas as moléstias sociais que impossibilitam o progresso do país, ressaltando o caráter preconceituoso manifestado por tais premissas. Segundo FREIRE (1996, p.37) “Faz parte igualmente do pensar certo a rejeição mais decidida a qualquer forma de discriminação”.

No entanto, o que se analisou neste momento histórico foi o desejo, a aspiração por erradicar o analfabetismo, não para remediar, ou sanar uma problemática social, mas unicamente para atender a interesses eleitorais.

Na década de 1920, 75% da população brasileira era de analfabetos, fator que contribuiu para dar início às mobilizações em torno das questões da educação como dever do estado, direcionadas sobretudo para o tema, da identidade nacional.

Foram vários os movimentos que direcionaram esse momento histórico que priorizaram a alfabetização, principalmente, pelo teor político imputado à mesma, dentre tais movimentos é cabível citarmos: a Semana de Arte Moderna, em São Paulo, a I Conferência sobre Ensino Primário, a Fundação do Partido Comunista, as primeiras greves operárias e o movimento operário de linha anarquista e anarcosindicalista.

Ainda na década de 1920, emergiu o otimismo pedagógico e o caráter qualitativo, a otimização do ensino, que alcançou seu auge dos anos 1930, com uma sequência de reformas educacionais nos estados. Emergiu também a caracterização do sistema público de ensino no Brasil com caráter autoritário e centralizador.

Com o Estado Novo (1937-1945), deu-se ênfase ao ideário nacionalista, autoritário e populista. O não desenvolvimento do país foi atrelado à falta de instrução do seu povo.

No ano de 1942, despontou o Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial (SENAI), que atrelou a educação de adultos à educação profissional. No pós-guerra, concedeu-se a criação da Organização das Nações Unidas para Educação (UNESCO), que deu ênfase no combate ao analfabetismo. Em 1947, aconteceu o I Congresso Nacional de Educação de Adultos, instante em que ser brasileiro significava ser alfabetizado. Em 1949, ocorreu a primeira Conferência Internacional sobre Educação de Adultos (CONFITEA), na Dinamarca, tendo como foco central a educação de adultos direcionada para o respeito aos direitos humanos, primando por uma paz duradoura, orientada por uma educação continuada, que perpassa os muros da escola. Inúmeras campanhas de alfabetização de adultos marcaram as décadas de 1950 e 1960, como também pelas teorias *freirianas* de educação. Em 1963, foi realizada em Montreal, no Canadá a II CONFITEA, ocasião em que a EJA passou exercer a posição de educação formal e de base.

No regime militar, período pós 1964 as políticas educacionais foram apontadas pelo Tecnicismo, com a finalidade de impugnar os movimentos educativos do nordeste, que eram inspirados em Paulo Freire, emergiu da Ação Básica Cristã mantida pelo governo federal. Já em 1966, o governo criou um plano para servir de complemento ao Plano Nacional de

Educação e a Comissão Nacional de Alfabetização (CNAED), pretendendo oferecer suporte financeiro às ações ligadas a Educação de Jovens e Adultos (EJA). Em 1967, de acordo com a Lei 5.370, nasceu o Movimento Brasileiro de Alfabetização (MOBRAL), da EJA durante o regime militar, com finalidade de incluir jovens e adultos no sistema formal de educação, referendado logo depois da III CONFITEA que ocorreu em Tóquio, no Japão, em 1972.

A década de 1980 foi registrada por um processo de democratização no país, ocasião em que se destacaram vários movimentos populares, com o objetivo de uma perspectiva nova e crítica acerca da realidade brasileira. Entre esses movimentos, citamos o Movimento dos Trabalhadores Sem Terra (MST); Movimento de grupos e vítimas de preconceito e discriminação com as mulheres e os homossexuais. Movimentos sindicais, como a central Única dos Trabalhadores (CUT), e pastoral sociais, todos vislumbrando a ampliação dos direitos dos indivíduos e uma sociedade mais moderada. Em 1985, aconteceu, em Paris (França), a IV CONFITEA.

A Constituição de 1988 conferiu a obrigatoriedade e a gratuidade a Ensino Fundamental, com inclusão para aqueles que não tiveram acesso à escola na faixa etária própria. Estabeleceu acordo com o intuito de prover recursos, com o objetivo de, a cada dez anos, promover esforços no sentido de erradicar o analfabetismo e universalizar o ensino fundamental.

Durante a década de 90, sucederam-se diversos eventos de níveis nacionais e internacionais, que incidiram imediatamente sobre a EJA: ainda em 1990, a Organização das Nações Unidas (ONU) festejou o ano internacional da alfabetização, em Jonthien, na Tailândia; o governo Collor aboliu a Fundação Educar, criada na década de 1980; em 1996, com o governo de Fernando Henrique Cardoso, na emenda constitucional 14, foi suprimida a obrigatoriedade do poder público de oferecer o ensino fundamental aos jovens e adultos que não tiveram acesso à escola em tempo hábil, suprimiu também o artigo 60 que visava acabar com o analfabetismo em dez anos. Esta emenda deu origem ao Fundo de Desenvolvimento e Manutenção da Educação e valorização do Magistério (FUNDEF), porém a EJA não foi incluída na distribuição dos recursos. Em 1997, aconteceu a V CONFITEA, em Hamburgo, Alemanha.

A Lei de Diretrizes e Bases (LDB 9294/96) adotou a nomenclatura EJA, abolindo o antigo Ensino Supletivo, no entanto não tratou da questão do analfabetismo, reduziu a idade para a realização dos exames em relação à Lei 5692/71.

Durante o governo de Fernando Henrique Cardoso (FHC), a EJA serviu como estratégia de aceleração da aprendizagem, uma vez que o citado governo orientava-se pautado numa gestão por resultados, o que serviu de contribuição para o esvaziamento do ensino regular. Esta fase foi marcada por dois processos: primeiro o de descentralização financeira, assumindo a responsabilidade com o financiamento da educação, segundo, em contra partida, o de centralização, em que uma equipe de técnicos do Ministério da Educação e Cultura/ Secretaria Estadual de Educação e Cultura (MEC/SEEC) definiu, de forma unilateral, as ações a serem executadas no âmbito educacional.

Já no ano 2000, com o parecer 11 do Conselho de Educação Básica/ Conselho Nacional de Educação (CEB/CNE), foi embasada a resolução do CNE de Diretrizes Curriculares para a EJA, em que foi adotado as seguintes metas: abolir a nomenclatura do ensino supletivo para EJA, dando ênfase ao direito público subjetivo dos cidadãos à educação; instituir a funções reparadoras, equalizadoras e qualificadores; diferenciara EJA da aceleração de estudos; especificar a necessidade de contextualização do currículo e das metodologias, e sugerir a formação específica dos Educadores. Em 2001, a lei 10 172/2001 PNE-MEC fixou as seguintes metas para a EJA: em cinco anos alfabetizar dois terços do contingente total de analfabetos, com o objetivo de acabar com o analfabetismo em 10 anos; garantir em cinco anos a oferta da EJA, no primeiro segmento do ensino fundamental para 50% da população, com faixa etária de 15 anos e, para aqueles que não tiveram acesso a esse nível de escolaridade, garantir até 2010, a oferta de curso no segundo segmento do Ensino Fundamental, para todos aqueles que concluíram o primeiro segmento do Ensino Fundamental; dobrar em cinco anos e quadruplicar em dez anos o âmbito de atendimento nos cursos de EJA de nível médio e transpor essas metas para os contextos locais, o que demanda um aumento da oferta em EJA.

Em 2009, no período de 01 a 04 de dezembro, aconteceu em Belém (Pará), no Brasil, a VI CONFINTEA, com a finalidade de revisar e avaliar os compromissos firmados na V CONFINTEA, em 1997.

Contemporaneamente, os avanços que se reconhece na Educação de Jovens e Adultos no Brasil, vêm de forma ainda moderada. Contudo o desafio de construir uma educação emancipadora, e de qualidade, pautada em pilares democráticos, constitui fatores fundamentais para a construção da identidade da EJA. As “teorias” mais críticas entendem “os sujeitos como tendo identidades plurais, múltiplas; identidades que se transformam que não são fixa ou permanente, que pode até mesmo, ser contraditórias.” (LOURO, 1997, p.25).

2.2 Os Sujeitos da EJA

Os alunos da EJA são indivíduos que não tiveram a oportunidade, quando ainda crianças, de frequentar regularmente uma escola, por diferentes motivos, como por exemplo: ter que ajudar na renda familiar, por terem que fazer determinadas tarefas domésticas ou rurais; pela inexistência de escolas nos locais onde residiam, entre outros. Há também aqueles que chegaram muitas vezes, a frequentar a escola, mas que acabaram saindo, pelas mesmas dificuldades apontadas aqui, como também por não identificarem ou reconhecerem, na escola um espaço onde pudessem ser considerados pelas suas necessidades e dificuldades.

Os alunos e alunas da EJA trazem consigo uma visão de mundo influenciada por traços culturais de origem e por sua vivência social, familiar e profissional. Podemos dizer que eles trazem uma noção de mundo mais relacionada ao ver e ao fazer, uma visão de mundo apoiada numa adesão espontânea e imediata às coisas que vê. (BRASIL, 2006,p.5)

Diante do exposto, entendemos que a escola tem que está preparada para receber esses alunos, que já vem com uma visão de mundo muito ampla por já possuírem experiências do seu cotidiano. Pois, é um público homogêneo que predomina em cidades ribeirinhas, quilombos, zonas rurais, periferias das grandes cidades, mas principalmente pela sua condição social: adultos e jovens com papéis sociais diferentes das crianças. Pessoas que, muitas vezes, podem ser analfabetas absolutas (sem nenhum domínio da leitura e da escrita) ou analfabetas funcionais, ou seja, aqueles que têm até a quarta série ou o atual 5º ano, do ensino fundamental I, sabem ler, escrever e contar basicamente, mas não conseguem fazer o uso social do domínio destas técnicas. Por essas e outras dificuldades, essas pessoas buscam a escola para tentar novamente aprender ou para aprenderem coisas que não sabem na intenção de “poder mudar de vida” e “ arrumar um emprego melhor” ou pelos “simples” sonhos de aprender a ler e escrever, para ajudar os filhos nas lições de casa.

2.3 O Papel do Professor EJA

A educação de Jovens e Adultos, assim como as demais modalidades de ensino, tem suas especificidades, sendo necessário que a prática didático-metodológica do educador seja voltada para atender as necessidades dos alunos. Foi nessa expectativa que se evidenciou a importância da qualificação docente voltada para essa modalidade na busca de uma educação de Jovens e Adultos que prima pela qualidade, visto que segundo FREIRE (1996, p.95) “Como professor não me é possível ajudar o educando a superar sua ignorância se não supero permanentemente a minha. Não posso o que não sei”.

Não é admissível aceitar que a metodologia utilizada na EJA ainda esteja amparada em métodos infantilizados, pois segundo GADOTTI (2003) “é uma humilhação pra o adulto ter que estudar como se fosse criança, renunciando a tudo que a vida lhe ensinou”. A metodologia de ensino aprendizagem abordada na EJA permite contemplar as vivências que os estudantes acumulam ao longo da vida e, a partir deste conhecimento, proceder com a transmissão de outros e novos aspectos cognitivos que, potencialmente, serão vislumbrados e transformados pelos estudantes, para que possam ser aplicados de forma prática, tanto no que concerne à sua existência quanto nas suas relações sociais. Segundo GADOTTI (2003, p.6) a busca da qualidade na Educação de Jovens e Adultos “não se trata de uma qualidade formal, mas de construir uma qualidade social e política”.

O educador da EJA precisa estar inserido no universo que permeia o educando para perceber os aspectos culturais que fazem parte de sua identidade e, a partir de então, apresentar suas contribuições para a formação do aluno.

Todavia, no mínimo, esses educadores precisam respeitar as condições culturais do jovem e do adulto analfabeto. Eles precisam fazer um diagnóstico histórico-econômico o grupo ou comunidade onde irão trabalhar e estabelecer um canal de comunicação entre o saber técnico (erudito) e o saber popular. Ler sobre educação de adultos não é suficiente. É preciso entender, conhecer profundamente, pelo contato direto, a lógica do conhecimento popular, sua estrutura de pensamento em função da qual a alfabetização ou a aquisição de novos conhecimentos tem sentido. (GADOTTI,2012, p7)

É o momento de desconstruir o paradigma educacional em que o professor assume uma postura autoritária, detentora do saber, onde o aluno é submetido a um plano insignificante, sujeito passivo do progresso cognitivo, é apenas um depósito para o

conhecimento transmitido pelo docente. Segundo FEIRE (1996, p.25) “Está é uma das mais significativas vantagens dos seres humanos a de terem se tornado capazes de ir mais além de seus conhecimentos. ”

É imprescindível, portanto, que para o desempenho da qualidade da EJA, o educador seja peça fundamental para este processo, que possa manter-se devidamente imbuído com aspectos histórico-culturais que fazem parte da vivência dos estudantes, percebendo-os como sujeitos ativos na construção cognitiva, respeitando, sobretudo, o conhecimento acumulado e as vivências que fazem parte do universo dos alunos.

2.4 Metodologia de Pesquisa

A metodologia adotada no presente trabalho, o qual aborda a prática da leitura no Ensino Fundamental I da EJA, foi construída mediante a busca de informações advindas dos alunos acerca da prática de leitura. Assim, esse estudo está pautado em uma amostra de de realidades na escola estadual na cidade de Santa Rita em uma pesquisa bibliográfica que deu suporte teórico para a análise dos dados coletados.

Todo o estudo foi embasado teoricamente nas contribuições de autores como FREIRE (1986, 1996 e 2011) GADOTTI (2003 e 2012) BRASIL (2006 e 2012) BERNARDO (2000) BRANDÃO (2003), dentre outros. O Processo de pesquisa bibliográfica tem como foco a relação entre a prática da leitura utilizada pelos professores que não condiz com a realidade dos alunos, na qual os mesmos vêm à procura da escola como fonte de aquisição da leitura para a prática de convivência em sociedade e no mundo do trabalho.

Foi optado por utilizar uma abordagem qualitativa, tendo em vista descobrir o conceito que os alunos possuem sobre leitura e suas expectativas, utilizando questionários surgindo, assim, aspectos subjetivos que foram, posteriormente analisados.

A pesquisa foi desenvolvida em três fases sendo a primeira, a seleção do objeto de estudo que levantou a problemática a ser contemplada; a segunda, o apoio em fundamentos epistemológicos, através do referencial teórico e, a terceira a elaboração dos questionários, aplicados aos alunos do fundamental I, com o intuito de analisar qual a importância que a prática da leitura tem para os alunos.

Os questionários (Anexo I e II) foram formulados com questões subjetivas e objetivas, aplicado aos alunos. Buscou-se deixar os alunos muito à vontade para responderem aos questionamentos, garantindo assim, um máximo de veracidade na análise dos dados.

2.5 Dados Sobre a Escola

O funcionamento da Escola Machado de Assis ocorre nos três turnos, com turmas do 1º ano o 5º ano do ensino fundamental no período da manhã, do 1º ano ao 5º ano no período da tarde e EJA no período da noite. Atende à população local e de bairros próximos, sendo a maioria dos alunos pertencente a um nível socioeconômico baixo.

O espaço físico da escola é distribuído da seguinte maneira: uma diretoria, uma secretaria, uma sala de professores, uma biblioteca, uma sala de vídeo, um laboratório de informática, uma sala de jogos, uma cantina e oito salas de aula.

A escola ainda dispõe de programas educacionais, como o “Mais Educação” e o “Acelera”, ambos funcionando tanto no turno da tarde como no da manhã.

Como um todo a escola é bem conservada, bastante ventilada, pois tem o privilégio de ser bem arborizada.

3. COMPREENDENDO A IMPORTÂNCIA DA LEITURA PARA JOVENS E ADULTOS DA EJA

A existência da leitura na escola é de total importância, ela deve ser presente e vista como um instrumento valioso no crescimento cognitivo permitindo ao leitor explorar, questionar, aceitar e recusar o conjunto de ideias e acontecimentos englobados.

Nesse sentido, é muito difícil, senão impossível, refletir sobre as diferentes vertentes do trabalho escolar como, por exemplo, incentivo da escola no contexto geral na constante busca e produção do conhecimento. Através da docência, a escola tem por responsabilidade proporcionar condições para que os alunos conheçam ou recriem o conhecimento já existente em diferentes áreas, através das aulas e da pesquisa.

Nesse ciclo de criação e recriação do conhecimento, próprio da vida escolar, a leitura ocupa, sem dúvida alguma, um lugar de destaque. Vale dizer que esse lugar não decorre somente das funções que a escola visa atingir, mas confunde-se com a própria caracterização dos atos de educar e ler, que são em essência, atos de conhecimento de objetos colocados à indagação de sujeitos, alunos e professores em estado de curiosidade e de busca.

Segundo SILVA (1993,p.2) “ se é relativamente fácil constatar a presença da leitura na escola, torna-se um pouco mais difícil discutir as condições concretas de produção de leitura”. Nessa perspectiva, falar sobre a presença da leitura na escola e do seu desenvolvimento no cotidiano escolar, faz-nos refletir sobre a importância e a necessidade de partilhar essas experiências de leitura, de falar da relação apaixonada que, às vezes, acontece entre o leitor e determinados textos. Ocorrem-nos que esta seria, talvez, a maneira mais sensata, eficaz e significativa de trabalhar a produção de leitura.

A importância e a necessidade do ato de ler para os professores e alunos, são irrefutáveis, porém é necessário analisar criticamente as condições existentes e as formas pelas quais esse ato é conduzido no contexto escolar. O discurso e o bom senso nos mostram que a leitura é importante no processo de escolarização das pessoas, para muita gente ir à escola ainda é sinônimo de “aprender a ler e escrever”, os recursos reais para a prática da leitura na escola podem, entretanto, contrapor-se àquele discurso, pois que revelam a condição de sua possibilidade.

Segundo GARCIA (1988, p.77) “se cada educador souber a medida exata da importância da leitura na escola e na vida da escola, uma proposta de criação de biblioteca escolar, a sala de aula fluirá mais facilmente, pois compete ao professor sensibilizar a importância da leitura”. Dessa forma, o caráter estritamente livresco do ensino e as formas autoritárias através das quais os livros são apresentados em sala de aula tendem a contribuir para com a socialização dos estudantes, gerando a falsa crença de que tudo que está escrito ou impresso é necessariamente verdadeiro. Decorre, então, a obediência cega aos referenciais colocados nos livros e à reprodução mecânica de ideias captadas pela leitura.

Sem dúvida que a busca de conhecimento pode e deve ser medida pela leitura de determinados textos, porém o ato pedagógico vai exigir muito mais do que isso. Entre as exigências básicas, coloca-se o estabelecimento de relações dialógicas para a aproximação das pessoas, para a organização do avanço cognitivo sobre determinadas questões e para as decisões a serem tomadas a respeito das necessidades de aprendizagem do grupo.

Ainda no terreno das condições de produção da leitura, é importante discorrer um pouco sobre as expectativas em relação ao aluno-leitor, como encontramos em diferentes graus do sistema educacional. Mais especialmente, sobre as habilidades de leitura aprendidas pelos alunos ao longo da sua trajetória acadêmica.

SILVA (1993,p.14) afirma que a :

Esperança, confiança e conquista são noções que devem ser aqui entrelaçadas. Os homens fazem a história quando se movimentam no horizonte da esperança. Os homens superam as circunstâncias vividas no presente quando juntos, numa mesma motivação, compartilham a confiança. Os homens estabelecem novas formas de convivência e ação social, quando se situam no horizonte das conquistas.

Nesse sentido, a esperança, característica exclusivamente humana, nos dirige para dias melhores do que os atuais, fazendo nascer a ideia de um Brasil onde não mais existam injustiça, discriminação e marginalização social. A confiança, desenvolvida e amadurecida nos processos de convivência e de diálogo, nos diz que existem outras pessoas coparticipantes desses processos que percebem a necessidade de união e mobilização para transformação da sociedade. E essa questão nasce a partir da leitura que a escola deve sensibilizar no aluno.

A leitura na escola é um grande objeto de conquista a ser alcançado pelo leitor, sendo que a partir desta, são alcançados vários outros objetivos, entre eles os conhecimentos que levam a uma cidadania consciente. Isso requer dele, apenas, esperança e confiança, pois é

necessário ainda que a vontade de descoberta venha surgir no ser humano, de forma que sua interação seja baseada na coletividade, com o único propósito de conquistar a aprendizagem da leitura.

A leitura torna-se um objeto de conquista, quando o aluno leitor coloca diante de sua prática de vida real, o que aprendeu com esse processo, sendo necessário ainda o exercício constante desta prática, de forma crítica e reflexiva.

Segundo os PCN'S da Língua Portuguesa (2001,p.36):

Não se forma bons leitores oferecendo materiais de leitura empobrecidos, justamente no momento em que as crianças são iniciadas no mundo da escrita. As pessoas aprendem a gostar de ler quando, de alguma forma, a qualidade de suas vidas melhora com a leitura.

É necessário que se reflita sobre a qualidade dos materiais utilizados, no sentido de que estes oportunizam ao leitor uma aprendizagem significativa, que surge a partir de diferentes modalidades e de procedimentos adequados.

A leitura na escola tem sido fundamental, um objetivo de ensino. Para que se possa constituir também objeto de aprendizagem, é necessário que esta Leitura, faça sentido para o aluno. A atividade de leitura deve responder do seu ponto de vista a objetivos de realização imediata.

A perspectiva de formar um leitor competente supõe conduzir alguém a compreender não só o que está codificado, mas perceber as ideias secundária do texto, o que não está escrito, codificado, mais perceber as ideias secundárias do texto, o que não está escrito, identificando elementos implícitos, que estabeleça relações entre texto que lê a partir de outros textos já lidos, perceber sentidos que podem ser atribuídos a um texto que consigo justificar e validar a sua leitura.

Para tornar os alunos bons leitores para desenvolver muito mais do que a capacidade de ler, o gosto e o compromisso com leitura, a escola terá de mobiliza-los internamente, pois aprender a ler requer esforço. Precisar fazê-los achar que a leitura é algo interessante e desafiador, algo que, conquistado plenamente, dará a eles autonomia e independência. Precisar torna-los confiantes, condição para poderem se desafiar a “aprender fazendo”. Uma prática de leitura é algo que requer, portanto, condições favoráveis para a prática de leitura.

Para que os textos se apresentem de forma significativa para os alunos da EJA, é preciso que o professor conheça a cultura do grupo de alunos, e que o trabalho de leitura seja realizado como prática sistemática e diária na sua sala de aula. Muitos professores costumam argumentar que não é possível fazer um bom trabalho de leitura, pois não há muitos recursos como jornais e revistas, porém acabam se esquecendo de utilizar as vivências dos seus alunos e os saberes prévios que eles possuem, para assim formar textos, que haja significados e que os alunos aprendam com facilidade.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Inicialmente fez-se necessário falar da importância desta pesquisa que teve, como intuito maior, verificar até que ponto a prática da leitura nas salas da EJA contempla as necessidades e interesses dos jovens e adultos, que buscam tardiamente a escola, na expectativa de adquirir e/ou avançar na habilidade de leitura para utilizá-la no seu cotidiano.

A partir das leituras, reflexões, acompanhamentos em sala, entrevistas, foi possível deduzir:

- A) Que ainda há muito a se avançar nesta direção, de modo a atender e corresponder efetivamente, às expectativas dos alunos.
- B) Que os investimentos em projetos direcionados EJA e programas de formação dos educadores que atuam nesta modalidade de ensino, ainda não foram suficientes para que as mudanças aconteçam no dia-a-dia das salas de aula.
- C) Que as condições do público do EJA e suas expectativas em relação a escola é uma situação que se repete mesmo em escolas de cidades diferentes.
- D) Que as tentativas de buscar uma Educação de qualidade para os alunos da EJA implicam em buscar mais informações (teóricas e metodológicas); propor novas maneiras de aprender; buscar soluções diante desta temática, de modo que todos estão envolvidos na educação busquem valorizar os conhecimentos prévios dos alunos, possibilitando-os uma construção de suas vivências dentro e fora da escola e em diferentes situações de vida. Desta forma, é necessário conduzir de forma progressiva para situações de aprendizagem na busca de respostas, e na reelaboração de concepções e construção de conhecimentos favorecendo o crescimento tanto do aluno quanto do professor.
- E) Mesmo ainda reconhecendo a necessidade de explorar e aprofundar mais nesta análise é importante destacar o que significou para nós, para a nossa formação em EJA, nos determos em cada resposta dos entrevistados, procuramos compreendê-la, tendo como suporte os textos lidos sobre o tema e, sem dúvida, avançar na compreensão da leitura do mundo e na leitura da palavra destes jovens e adultos.

Cabe a nós, como futuros profissionais pedagogos, comprometidos com uma educação de qualidade, a partir de agora, unir esforços para envolver e incentivar os jovens e adultos EJA, (modalidade de ensino ainda tão desvalorizada e/ou “invisível” para muitos) a mergulharem no mundo mágico da leitura crítica que lhes ofereçam inúmeras possibilidades de contemplar e construir uma realidade sócio cultural mais promissora, fundamentada em pilares éticos, de modo a contribuir para o exercício pleno de vida digna como cidadãos.

REFERÊNCIAS

BERNARDO, Gustavo. **Redação Inquieta**. Belo Horizonte: Formato, 2000

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **O que é Educação**. São Paulo. Brasiliense, 2003.

BRASIL, Ministério da Educação. Acesso a informação. **Confitea: Conferência Internacional de Educação de Adultos**. Disponível em http://portal.mec.gov.br/index.php?Itemid=817&catid=194%3Asecad-educacaocontinuada&id=14239%3Aconfitea&option=com_content&view=article. Acesso em 20 de Junho de 2015 às 16:30.

_____, Ministério da Educação. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Língua Portuguesa**. Brasília: 3. Ed. A Secretária.2001.

_____.Ministério da Educação. Secretaria de Educação Fundamental. **Trabalhando com a educação de Jovens e adultos: Alunos e Alunas da EJA**. Brasília, 2006.

_____.Ministério da Educação. Secretaria de Educação Fundamental. Lei de Diretrizes e Bases da Educação. Disponível em: http://bd.camara.gov.br/bd/bitstream/handle/bdcamara/2762/ldb_6ed.pdf?sequence=7. Acesso em 20 mai.2015. às 22:46h.

CHISTOFOLI, Maria Conceição Pillon; VITÓRIA. Maria Inês Côrte, et alii, **EJA: planejamento, metodologia e avaliação**. Prefacio de Carlos Rodrigues Brandão. Porto Alegre: Mediação,2009.

FOUCANBERT, Jean. **A leitura em questão**. Porto Alegre: Artes Médicas. 1994.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler: em três artigos que se completam**. São Paulo: Autores Associados: Cortez, 1985.

_____.**A importância do Ato de Ler**: São Paulo, Cortez,2003

_____.**Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra. 1996.

GADOTTI, Moacir. **Educação de Jovens e Adultos: Um cenário possível para o Brasil**. Disponível em

http://siteantigo.paulofreire.org/pub/Institu/SubInstitucional12030234911t003Ps002/EJA_Um_cenario_possivel_2003.pdf. Acesso em 20 de maio de 2015.

ROMÃO, José Eustáquio (ORG). **Educação de Jovens e Adultos: teoria, prática e proposta**. 6.ed. São Paulo: Cortez: Instituto Paulo Freire, 2003. 136p

GARCIA, Edson Gabriel. **A leitura na escola de 1º grau: por uma outra leitura**. São Paulo: Loyola, 1988.

GAMBOA, Silvio Sánchez (Org.). **Pesquisa educacional: quantidade – qualidade**. São Paulo: Cortez, 1995.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997.

MARTINS, Maria Helena. **O que é leitura**. 19. Ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.

SILVA, Ezequiel. T. **Elementos de pedagogia da leitura**. São Paulo: Martins Fontes, 1993.

PISTRAK, M.M. **Fundamentos da escola do Trabalho: uma pedagogia social**. Tradução de Daniel Aarão Filho. São Paulo: Expressão Popular, 2000.

ZILBERMAN, Regina. **A leitura e o ensino da leitura**. 2 ed. São Paulo: Contexto, 1991.

ANEXOS

1. ENTREVISTA COM JOVENS DA EJA DA ESCOLA ESTADUAL DE ENSINO FUNDAMENTA MACHADO DE ASSIS EM SANTA RITA-PB.

a) DADOS DE IDENTIFICAÇÃO

Nº	NOME	IDADE	SEXO		ORIGEM		CICLO	COM QUEM MORA
			M	F	CAMPO	CIDADE		
01	Dayenne Gill Matias da Silva	21		x	-	x	1º/2º	Pais
02	Ivanilda Alves da silva	19		x	-	x	1º/2º	Pais
03	Jailson Barbosa dos santos	18	x		-	x	1º/2º	Mãe
04	Jeane dos Santos Guilherme	21		x	-	x	1º/2º	Marido
05	Joabson Ferreira pereira	18	x		-	x	3º/4º	Pais
06	José Eduardo de Alcântara	17	x		-	x	3º/4º	Pais
07	Josilene Ramos de Souza Silva	20		x	-	x	3º/4º	Marido
08	Moanda Alves da Silva	18		x	-	x	3º/4º	Avó

b) EXPERIÊNCIAS ANTERIORES

Nº	Alfabetização			Reprovado?			Motivo	Lembranças		Professor Marcante
	Idade	Onde	Como?	sim	não	série		Agradável	Desagradável	
01	9 anos	Escola	Professora	x	-	1º	Não aprendeu a ler	Brincadeiras	Preconceito de cor	Professora do 3º ano
02	10 anos	Escola	Professora	x	-	2º	Abandono após a prisão do pai	A merenda era boa	Ia pra escola sem tomar café	A professora do 2º ano não ligava pra mim
03	10 anos	Escola	Professora	x	-	3º	Não entendia e só tirava nota baixa	Os colegas	Ter deixado a escola pra trabalhar	As historinhas que a professora do 2º ano contava
04	20 anos	Está sendo ainda	Professora	x	-	1º	Não sabia ler e escrever	As brincadeiras na hora do recreio	A professora gritava muito	Não lembro

05	17 anos	Escola	Professora	x	-	3°	Não conseguiu aprender a ler	As brincadeiras na hora do recreio	Não lembro	Não lembro
06	16 anos	Escola	Professora	x	-	2°	Achava muito difícil aprender a ler	Jogar bola na hora do recreio	A diretora era muito chata	A professora do 1° ano quer era muito carinhosa
07	14 anos	Escola	Professora	x	-	3°	Meu pai viajava muito	Os colegas	A escola era longe	A do 2° ano era muito boa
08	Estou sendo agora	Escola	Professora	x	-	2°	Meus pais morreram	As brincadeiras	Conheci meu primeiro namorado	A do 3° ano que dava bombom

c) EXPERIÊNCIAS ATUAIS

Nº	O que mais motiva a vir à escola	Porque você estuda a noite?	Qual a disciplina que mais gosta?	E a que menos gosta?	O que você espera da escola?	O que aprende na escola é útil na sua vida?	Você enfrenta alguma dificuldade para frequentar a escola?
01	Meus pais	Pra ter uma oportunidade de arrumar emprego durante o dia	Português	Matemática	Espero aprender cada vez mais	Sim hoje posso ir sozinha no banco	Não
02	A vontade de aprender a ler e escrever	Porque minha idade não permite que eu estude durante o dia.	Matemática	História	Aprender coisas uteis pra minha vida	Com certeza	Não
03	A vontade de arrumar um emprego	Porque não existe EJA durante o dia.	Ciências	História	Um futuro melhor	Sim, já estou até falando melhor	Não

04	Morria de vergonha de dizer que não sabia ler	Para poder trabalhar durante o dia.	Português e Matemática	Geografia	Que me ajude a arrumar um emprego	Sim, já não tenho mais vergonha de conversar com as pessoas.	Não
05	Minha namorada que estuda na mesma escola	Porque trabalho durante i dia.	Matemática	História	Arrumar um emprego	Sim até aprendi a usar melhor meu dinheiro.	Só o cansaço.
06	Quero mudar de emprego	Porque eu gosto.	Português	História	Arrumar emprego	Sim antes eu fazia muita coisa sem pensar, agora penso melhor antes de fazer.	Não
07	O meu marido	Porque tenho meus filhos pra tomar conta.	História	Matemática	Quero chegar na faculdade	Sim, em tudo que faço, hoje tenho mais certeza.	Não

08	Alcançar o tempo perdido e arrumar um emprego	Pra poder trabalhar durante o dia.	Português	Matemática	Aprender mais	Sim, a me concentrar e ter mais atenção nas coisas.	Não
-----------	---	------------------------------------	-----------	------------	---------------	---	-----

2. ENTREVISTA COM ADULTOS (Acima de 25 anos) DA EJA.

a) DADOS DE IDENTIFICAÇÃO.

N°	NOME	IDADE	SEXO		ORIGEM		ESTADO CIVIL	PROFISSÃO
			M	F	CAMPO	CIDADE		
01	Antônio Gabriel da silva	30	x			x		
02	Franciclaudio Júlio da silva	50	x			x		
03	Francisco de Assis de Souza	36	x			x		
04	Jarciane Mendes dos Santos	56		x		x		
05	Maria das Neves Miguel Duarte	38		x		x		
06	Maria José da Silva	37		x		x		
07	Odaci da Conceição	37		x		x		
08	Ozenilde Martins da Mata	40		x		x		
09	Renildo Anselmo da Cruz	44	x		x			
10	Vivian Gonçalves dos Santos	30		x		x		

